

Susana Vieira de volta aos palcos cariocas com 'Lady'

PÁGINA 6



Animação europeia brilha em Bergamo

PÁGINA 8



Está aberta a temporada carioca dos tartares

PÁGINA 16



## 2º CADERNO

### EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Por Clara Balbi (Folhapress)

**V**inte e um de janeiro de 2024. Lázaro Ramos, em viagem a Salvador para visitar a família, desmaia e é hospitalizado. O diagnóstico: burnout. “Fui criado para ficar num sistema de defesa. Aquela coisa de quem vem de família pobre e tem medo do fracasso o tempo todo. Acho que mesmo depois que eu fiquei conhecido, ainda era assim”, afirma ele que, alçado à fama como ator, desde então assumiu muitas outras funções no campo da arte.

Lázaro diz acreditar que a crise foi um aviso de seu próprio corpo de que era necessário mudar suas prioridades. “Foi ele dizendo olha, vou te parar aqui, na sua cidade-mãe, para você se olhar.”

Mas olhar para si mesmo acabou significando olhar também para a mãe dele, dona Célia, morta pouco depois de o artista chegar à maioridade e citada muito pontualmente em seu primeiro livro biográfico, “Na Minha Pele”.

A ausência tinha sido proposital. Lázaro diz que, quando escreveu a obra, achou que a história de sofrimento da mãe - uma empregada doméstica que se calou diante de abusos dos patrões e passou os últimos meses de vida presa a uma cama, sem conseguir mover a maior parte do corpo em decorrência de uma doença rara - desmotivaria os leitores.



Divulgação

*Lázaro Ramos afirma que a crise emocional sofrida recentemente soou como um aviso do próprio corpo de que era preciso mudar prioridades*

## Essa conversa precisa continuar

Lázaro Ramos busca levar debate racial no Brasil para além do básico em novo livro

Mas sua perspectiva mudou desde a publicação do livro, oito anos atrás. E quando a escrita se anunciou como um refúgio após o burnout, ele se viu voltando a dona Célia. Daí o título do novo livro: o pronome de “Na Nossa Pele” a princípio se referia a ele e à sua mãe. Não demorou até que o artista percebesse que estava falando de muito mais gente. Uma lição que os leitores de “Na Minha Pele” já tinham ensinado a ele.

“Achei que estava escrevendo uma história dos aprendizados que tive”, diz Lázaro sobre o livro anterior. “Mas a coisa que eu mais via as pessoas escrevendo era ‘nossa, parece que essa é a minha história, que eu que escrevi esse livro.’”

“Na Minha Pele” pode ser considerado um ponto de inflexão na ampliação do debate sobre o racismo no país. O livro, publicado em 2017, vendeu milhares de exemplares e motivou dezenas de teses acadêmicas - Lázaro exibe na tela do Zoom uma delas, encadernada em couro, que segundo ele tinha chegado na semana anterior.

“Na Nossa Pele”, por sua vez, atualiza muitas das discussões propostas no volume anterior, apresentando inclusive uma espécie de balanço sobre o avanço da representatividade negra nas universidades, nas empresas, na cultura de massa, desde então. As muitas referências que o lançamento faz a seu antecessor tornam aconselhável ler este antes, aliás.

Continua na página seguinte

# ‘Estamos num tempo de revisão de formato de tudo’

Vinicius Mochizuki/Divulgação



O novo livro, publicado assim como o anterior pela Objetiva, ainda reflete sobre temas como a polarização que se intensificou no Brasil após a eleição de Jair Bolsonaro (PL) em 2018; o impacto da pandemia, que teria operado não uma transformação, como esperado, mas uma revelação, nas palavras de Lázaro; e as alternativas ao conhecimento canônico ocidental.

Isso tudo a partir de uma espécie de costura de textos que o artista rascunhava desde 2018, ao se preparar para palestras e entrevistas, por exemplo, ou em momentos de reflexão.

Uma das diferenças mais perceptíveis entre os dois livros está no campo do estilo. Lázaro parece muito mais à vontade com a não linearidade de seu discurso em “Na Nossa Pele”, indo e voltando em suas narrativas sem a mesma preocupação didática que havia demonstrado.

Também faz muito mais perguntas do que antes - em geral, sem respondê-las.

“Este é um tempo de muitas perguntas”, devolve o artista quando questionado sobre o assunto. “Estamos num tempo de revisão de formato de tudo, seja de relação afetiva, de gestão de país, de posicionamento perante a vida, de relação com o trabalho. E ele não vai trazer respostas fáceis para os problemas complexos que temos.”

Lázaro afirma que seu objetivo com esses tantos pontos de interrogação era, acima de tudo, convocar seus leitores ao debate. “Se eu for olhar para o concreto, para os dados estatísticos e as tretas de internet, talvez eu desanime. Esta é a minha contribuição para dizer: ‘Cara, o que é que você vai fazer?’. Ele está no lugar da utopia.”

Como assim utopia? “Hoje, não sei se o sonho basta. Acho que a gente tem que pensar o inimaginável.”

Ele dá como exemplo seu desejo de que os movimentos sociais alcancem maturidade o suficiente para reconhecer também a individualidade de seus membros. “Por causa da necessidade das pautas coletivas, a gente acaba se agrupando como se tivéssemos um pensamento uniforme, mas não temos”, afirma.

Ou ainda que discussões sobre os altos índices de evasão escolar entre pessoas negras e cotas raciais no ensino superior pudessem ser substituídas por outras. “O próprio formato de como se adquirir conhecimento está sendo revisto, e a gente ainda está batalhando para permanecer na escola e entrar na universidade. A gente ainda não conseguiu ter o debate sobre as

novas formas de aprender, de absorver conhecimento”, prossegue o artista.

“Queria poder debater isso já. Tenho sonhos que vão além das pautas mais urgentes. Mas ainda estamos nas pautas mais urgentes”, resume.

Por ora, Lázaro segue na luta contra o racismo com as ferramentas que tem à sua disposição. O artista conta que, depois de iniciar o que achou que seria uma transição de carreira, emendando dois longas como diretor, foi tomado pelo que descreve como uma “paixão avassaladora” pela profissão de ator.

Participou, assim, de dois filmes ainda inéditos: “Feito Pipa”, do diretor de “Pacarrete”, Allan Deberton, e “Velhos Bandidos”, comédia de ação dirigida por Cláudio Torres que tem Fernanda Montenegro e diversos outros representantes da velha guarda no elenco.

Ainda ensaia para a terceira temporada da série “Os Outros”, que retrata as tensões sociais na classe média alta carioca. E se prepara para o lançamento, no segundo semestre, de uma biografia de Ruth de Souza que ele escreveu em parte com a atriz.

Lázaro conta que ela tinha sido convidada para contar a própria história, mas recusou. “Queria que o texto fosse escrito por ele. ‘Aí fiz uma proposta para ela. Falei: ‘You ser seu ghostwriter’”, afirma. Quando chegaram à metade do livro, porém, em 2019, a atriz morreu.

Ele diz ter então continuado o trabalho buscando ao máximo representá-la como ela queria ser vista. Um esforço não tão diferente daquele de seu ofício como intérprete, afinal.

Lázaro diz que esses personagens se juntam em certa medida a “Na Nossa Pele” e ao restante de sua obra para representarem a sua visão política.

“Quando vi o fenômeno do ‘Ainda Estou Aqui’, achei uma coisa tão poderosa, essa relação de paixão e de identificação do público com uma obra nacional”, afirma o artista, cuja euforia quando o filme ganhou o Oscar de filme estrangeiro viralizou nas redes - ele participava da transmissão da cerimônia ao vivo na TNT.

“Mesmo em momentos angustiantes, como foi a pandemia, ou durante governos que flertam com o autoritarismo, a arte acaba nos direcionando, nos trazendo reflexões sobre algo que não enxergamos, impedindo que fiquemos encarcerados nas nossas crenças limitadoras. E acho importante a gente reconhecer isso, porque nos últimos anos, tem havido uma perseguição à produção artística.”

# Uma banda na contramão do etarismo

Por Affonso Nunes

O Biquini Cavado está soprando 40 velinhas e não poderia comemorar de outro jeito, a não ser no palco onde tudo começou. Neste sábado (15) sobe ao palco do Circo Voador no show que abre a turnê nacional para comemorar a efeméride. Com uma presença de palco contagiante, o quarteto revisita quatro décadas de hits. No setlist, clássicos como “Vento Ventania”, “Tédio” e “Impossível”. Mas quem não garantiu ingresso vai ter que esperar outra data – os bilhetes já voaram.

Quarenta anos atrás, Bruno Gouveia, Miguel Flores da Cunha, Álvaro Birita e Carlos Coelho começavam essa jornada, sem imaginar que fariam mais de 2.500 shows em mais de 800 cidades no Brasil e no mundo. Desde então, nunca deram um tempo – literalmente. Com quase 2 milhões de discos vendidos e milhões de seguidores nas redes e plataformas de streaming, o Biquini chega a 2025 em grande forma, pronto para mais uma temporada de estrada.

E o nome da turnê não poderia ser mais certo: “A Vida Começa aos 40”. Quem diria que, tantos anos depois, os músicos estariam vivendo aquele que consideram o melhor momento da carreira? Na cena musical, onde

Biquini abre turnê nacional que celebra 40 anos de muitos sucessos com show neste sábado no Circo Voador



Divulgação



Marcos Hermes/Divulgação

o etarismo muitas vezes encurta trajetórias, a banda mostra que experiência, maturidade e aquela paixão de sempre fazem toda a diferença e seguem pulando no palco como se não houvesse amanhã. E, garantem, que o melhor ainda está por vir.

Tanto que esse é o mote do recém-lançado single “A Vida Começa Agora”. Composta pelos quatro integrantes, a música é quase um recado sobre esse tempo em que tudo parece estar em pausa. “Não importa a idade que você tenha, só depende de nós darmos um novo rumo”, diz Bruno Gouveia.

Formado em 1985, o Biquini marcou gerações com suas letras certeiras e melodias que grudam na cabeça, provando que boa música não tem prazo de validade. O tempo passou, a indústria mudou, mas a essência da banda segue firme: quatro amigos, uma sintonia afiada e uma energia de palco quase que inexplicável.

## SERVIÇO

### BIQUINI - A VIDA COMEÇA AOS 40

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)

15/3, às 22h (abertura dos portões às 20h)

Ingressos esgotados

*Formado nos meados dos anos 1980 (foto no alto), o Biquini marcou gerações com suas letras certeiras e melodias que grudam na cabeça, provando que boa música não tem prazo de validade*

# O pagode noventista renovado sob o olhar de Mart'nália

Cantora revisita clássicos do gênero em mais um show no Circo Voador

**D**epois de lotar o Circo Voador em janeiro, Mart'nália retorna ao palco nesta sexta-feira (14) para o show de lançamento de seu novo disco, "Pagode da Mart'nália". O álbum presta homenagem ao pagode dos anos 1990, revisitando clássicos que marcaram época e conectaram gerações ao samba.

"O pagode dos anos 1990 fez um enorme sucesso, mudando a vida de muitos músicos e criando uma conexão maior do público com o samba, que ainda era marginalizado na época", explica a cantora. Para ela, o novo projeto celebra compositores e grupos que ajudaram a consolidar o gênero. "Esse repertório marcou a memória afetiva das pessoas e pode aproximar novas gerações do universo do samba."



Michelle Castilho / Divulgação Circo Voador

*Mart'nália durante show de estreia do álbum 'Pagode da Mart'nália', em janeiro no Circo Voador*

No repertório, Mart'nália traz sucessos como "Coração Radiante", "Cheia de Manias" e "Essa Tal Liberdade\*", além de seus clássicos já conhecidos, como "Cabi-

de", "Pra Que Chorar" e "Água de Chuva no Mar".

A idealização do projeto partiu de um sonho da empresária Márcia Alvarez, que

há 25 anos acompanha a trajetória da artista, que imaginou a filha de Martinho da Vila cantando "Recado à Minha Amada", sucesso do Katinguelê. "Convidei Marcus Preto para estruturar o projeto nos anos 1990, com um repertório que refletisse a identidade da Mart'nália", conta. E o produtor - conhecido por trabalhos com Gal Costa e Erasmo Carlos - viu no disco uma oportunidade de dar nova vida a essas canções. "Mart'nália é a voz perfeita para renovar esse repertório", afirma.

Com arranjos do pianista Luiz Otávio, o álbum resgata a essência de Vila Isabel, berço do samba e da própria Mart'nália. "Foi um desafio gratificante trazer essas canções para o estilo único dela", comenta.

Para abrir a noite, o projeto Encontro Casuais, liderado por Inácio Rios e Mosquito, apresentará um repertório de sambas autorais e clássicos de Noel Rosa, Paulinho da Viola e Beth Carvalho, entre outros.

## SERVIÇO

PAGODE DA MART'NÁLIA  
Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº - Lapa)  
14/3, a partir das 20h (abertura dos portões)  
Ingressos entre R\$ 90 e R\$ 180

## CRÍTICA / DISCO / COMUM

# Um trabalho incomum

Por Aquiles Rique Reis\*

Hoje trataremos de Comum, o novo álbum independente do compositor Sonekka. Este artista, cujo nome artístico não raro desperta estranheza em quem não o conhece pessoalmente, tem a rara capacidade de fazer crer que ele não é tudo aquilo que de fato é: um compositor desprendido de veleidades supérfluas.

Sobre si mesmo, ele diz: "Alguns acham que meu nome artístico soa depreciativo. Eu rio. Soneca é apelido de infância, é difícil esquecer um apelido fácil, então deixei (...) Sonekka não é um artista, é um compositor que defende suas canções obstinadamente; é como Guinga, Donga, Garoto, um apelido único; até Adoniran Barbosa é apelido... Silvio Santos é apelido!"

Quando lhe dá na telha, Sonekka pode ser um provocador bem-humorado. Suas intervenções costumam acalorar conversas em grupos de Whatsapp. Mas, numa roda de compositores, quando o violão chega às suas mãos, suas músicas são acolhidas calorosamente. E com ele não tem

essa de parti pris, o cara tá sempre disponível a novas possibilidades. Sejam musicais ou políticas, Sonekka as expõe com verve libertária.

Antes mesmo de conhecê-lo pessoalmente, eu já ouvia o saudoso Zé Rodrix falar desasombroadamente do Sonekka. Zé gostava tanto do Sonekka compositor quanto da sua capacidade de aglutinação, cuja lida na Internet o destaca perante seus pares. E, principalmente, por criar o Clube Caiubi de Compositores Online, movimento que chegou a juntar mais de 8 mil pessoas e realizou, semanalmente, mostras autorais presenciais.



Divulgação

Mas vamos ao álbum: metade das produções musicais é do multi-instrumentista, tecladista e guitarrista, arranjador e programador Josivan Mangoth. A outra metade é de Sonekka que, além de músico competente, é um cantor carismático das suas músicas. Ouça o

álbum em <https://sndo.ffm.to/3o2bmga>.

"Comum" (Sonekka) abre a tampa. Logo desponta o som firme do arranjo de Mangoth. E vem Zeca Baleiro dando show de interpretação! A guitarra de Nando Lee brilha... Grande abertura!

"Blues da Ansiedade" (Sonekka, Zé Edu Camargo e Rica Soares) vem com outro ar-

ranjo poderoso. Sonekka canta e arrasa!

"A Verdade dos Fatos" (Sonekka e Glauco Luz): o piano assegura o blues. O riff da guitarra é destaque.

"Realidade Virtual" (Sonekka e Glauco Luz): samba pop com ótima letra.

"Não Me Leve Pra Kiev" (Sonekka e Cliff Villar): outra grande letra. A voz de Sonekka volta a brilhar.

"Cena Paulista" (Sonekka e Cliff Villar): canção delicada, com intro do piano.

"Caldo de Cultura" (Sonekka e Glauco Luz): Renata Pizi brilha com sua bela voz, dobrada à de Sonekka.

"Big Bem" (Sonekka): puxada pela guitarra, esta produção de Sonekka fecha Comum, álbum absolutamente incomum de um anti-herói contemporâneo.

**PS.** Sonekka já lançou Incríveis Amores (2003), Tropeçalistas (com Zé Rodrix, 2005), Agridoce (2008), Tonq (com Ayrton Mugnaini, 2009), Cisma (2015), o infantil Palavrinhas Mágicas (2016) e Forró Avacaçado (2010).

\*Vocalista do MPB4 e escritor

EDITAL  
DE CULTURA

RJ

SESC

PUL

SAR

2025 / 26

INSCRIÇÕES  
GRATUITAS ATÉ

20/3/2025

/ I N C E N T I V A N D O A N O S S A A R T E

UMA NOVA OPORTUNIDADE

PARA O SEU PROJETO.

Inscreva-se na 5ª edição do Edital Sesc Pulsar que apoia e impulsiona propostas artísticas e culturais no Brasil. Os projetos escolhidos farão parte da programação das unidades do Sesc RJ ou em formato virtual em 2026.

Acesse:



Confira o edital completo no site  
[www.sescrj.org.br/pulsar](http://www.sescrj.org.br/pulsar)

E faça a sua inscrição.



Música • Teatro • Dança • Circo • Artes Visuais • Audiovisual • Literatura

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**U**ma das mais importantes atrizes brasileiras, Susana Vieira está de volta aos palcos na peça 'Lady', texto inédito de Vana Medeiros, sob direção de Leona Cavalli e produção de Edgard Jordão. A dramaturgia mistura elementos da autobiografia de Susana com Lady Macbeth, um das mais poderosas personagens shakesperianas. A peça acaba de fazer sua estreia nacional em curtíssima temporada no Teatro Casa Grande, até o dia 26, e segue para São Paulo. Susana depois percorrerá algumas cidades brasileiras e levará a peça para Portugal, ainda em 2025. Nesta conversa com o Correio da Manhã, a atriz fala deste projeto.

#### Como é a história por trás da montagem deste espetáculo?

**Susana Vieira** - O projeto é do Edgar Jordão, que é o meu produtor de outros espetáculos e que sabia do meu sonho de montar Lady Mac, porque sempre quis montar um Shakespeare e queria montar Lady Mac. Aí Edgar foi catar, catar, catar, catar, e teve uma ideia. Depois que saiu o meu livro "Senhora do meu Destino", as pessoas gostaram muito dos textos e das historinhas de como eu como, escrevo, e não ficou um livro chato, ficou um livro interessante de várias passagens de teatro, de televisão. Aí o Edgar teve a ideia de começar a procurar alguém, para escrever uma peça que misturasse a Lady Mac e o livro. Não dá para montar um espetáculo shakespeariano hoje em dia no nosso país. E ele conseguiu encontrar uma pessoa que escrevesse como se fossem duas mulheres conversando: Lady Mac com a Susana Vieira. Contratou a Vanna, que leu meu livro e misturou partes dele com trechos de 'Macbeth' que tivessem algo a ver com a linguagem do livro. Então, eu faço o papel de uma atriz, que sou eu mesma, se preparando para interpretar Lady Mac, e vou conversando com o público enquanto for ensaiando. Eu estou ensaiando Lady Mac, mas de vez

# 'Ninguém com 20 ou 50 anos pode me influenciar'

Nana Moraes/Divulgação

Susana Vieira encarna Lady Macbeth em texto que se mistura à sua autobiografia



em quando eu paro e converso com a plateia sobre a minha vida.

#### Mas "Macbeth" é uma tragédia, uma das mais violentas de Shakespeare. Como a Susana se encaixa nisso?

É um espetáculo leve, alegre, divertido, e logicamente que tem momentos de ternura, momentos de saudade, e tem uma música fantástica, maravilhosa, que acompanha todo o espetáculo, nas horas de noite, nas horas mais calmas e nas horas da Lady Mac. São músicos fantásticos, são orquestras sinfônicas internacionais tocando, e a alegria foi essa, que conseguimos fazer um espetáculo moderno e sem grandes histórias. A minha história pode não parecer grande para os

outros mas, para mim, é tão grande, uma história bem interessante. E aí foi assim que nasceu a "Lady". Não colocamos nem "Lady Mac", nem "Lady Suzana", por se tratar de uma mistura.

#### Como foi a escolha de Leona Cavalli para dirigir essa Lady?

A Leona, faz pouco tempo, queria fazer um documentário comigo. Ela me achava interessante, uma atriz que merecia ter um documentário, e ela se propôs a escrever e a montar comigo, então há tempo que vem demonstrando interesse de fazer um documentário com a Susana Vieira. E a Leona é uma pessoa de São Paulo, tem uma formação acadêmica de teatro, já trabalhou com muitas peças de tea-

tro em São Paulo, com gente muito valorizada, trabalhou com o Zé Celso Martinez Corrêa. Fez a vida da Cacilda Becker. Eu precisava de uma pessoa que me ensinasse a falar o Shakespeare, ensinasse a alma do Shakespeare, me ensinasse um pouquinho, então a minha escolha foi Leona. Amorosa, porque ela era uma pessoa querida e cuidadosa comigo, queria fazer uma biografia em tela. E ao mesmo tempo eu achei que uma mulher me dirigindo ia ser melhor, porque estamos falando de uma mulher, a Lady Macbeth. Nada melhor do que ter uma mulher para entender a cabeça dessas duas pessoas, mulheres. A Lady é uma que enlouqueceu e eu não enlouqueci, mas eu levei uma vida do barulho.

#### E como é a experiência de estar numa montagem com uma equipe só de mulheres?

Acho ótimo, porque quando a gente está entre mulheres, as mulheres sempre estão meio fechadas hoje em dia, muita competitividade em tudo, na beleza, no corpo, no talento, no homem que se tem. As mulheres estão competindo demais entre elas e uma quer ser mais bonita do que a outra e mais magra, mas enfim, eu não faço competição com ninguém porque consegui chegar até a um lugar que muita gente não chegou. Então, me sinto privilegiada num lugar em que estou. Não há competição com ninguém, adoro, admiro várias atrizes da televisão com que trabalho, adoro atrizes do teatro, adoro. Então, a equipe feminina ajuda quando você está diferente porque o sentimento de uma mulher é muito parecido com outra mulher, é só tirar inveja, a mulher quando não tem inveja da outra sente muito mais. E eu acho bonito dar trabalho para mulheres.

#### Fale dos figurinos...

A nossa figurinista é Karen Brusttolin. Karen é especial. Então a roupa, o carinho com que ela vai na minha casa, ela me abraça. "Susana, que felicidade de te ver. Você nos representa. Você é uma pessoa que estimula nós mulheres." Então a gente ouve isso de mulher. É para isso que vivi, eu acho, há 80 anos. Não fazendo aula, nem dando, nem sendo, como é que chama aquela pessoa que fala no Instagram, que faz aquelas meninas? Não sei se é influência, sem influenciar ninguém, porque ninguém com 20 anos pode me influenciar, ninguém com 50 também pode me influenciar. Então esse carinho que eu recebo das mulheres, isso me faz muito bem.

#### SERVIÇO

##### LADY

Teatro Casa Grande (Avenida Afrânio de Melo Franco, 290 - Loja A - Leblon)  
De 13 a 26/3, de quinta a sábado (20h) e domingos (18h) | Ingressos entre R\$ 60 e R\$ 180

CRÍTICA / TEATRO / A COISA

# Alguma coisa acontece no meu coração

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

No século passado existiam algumas expressões para definir um grupo de três pessoas. Uma delas era intitulada “Trio Maravilhoso Regina”, a publicidade da marca de cosméticos na década de 1950. Esse poderia ser o subtítulo da peça “A Coisa” que reúne um trio de artistas de teatro, George Sauma, André Dale, Leandro Soares - capazes de arrancar risadas, gargalhadas, sorrisos com competência.

Desde o século 19, a cena teatral carioca tem como forte tônica o humor. A mais recente delas, ao final do século, foi o Besteirol. Indo na contramão do teatro político, encheu teatro com o surgimento de grandes atores, autores, diretores, caracterizado pelo humor irreverente, nonsense e satírico. Ao trazer uma abordagem mais leve, descompromissada e muitas vezes absurda foi uma lufada de alegria em um momento de tristeza, os anos de chumbo.

A idéia de “A Coisa”, aparentemente, é a peça dentro



Ricardo Braiterman/Divulgação

George, André e Leandro arrancam risos da plateia com competência

da peça, mas vai além na criação colaborativa do trio. Brinca com todas as correntes tradicionais de teatro. Os gregos, commedia dell'arte, Shakespeare e não deixam pedra sobre pedra.

Há memória das características do besteirol: humor nonsense, ironia e paródia, improvisado e exagerado, quebra da quarta parede, cenários e figurinos simples. O diferencial é a atualização, com os 3 atuando com agilidade, na troca de papel/personagem, o que obriga à mudança brusca de voz e movimento corporal, o que acontece de forma bem-sucedida.

Como a concepção, direção e atuação é dos três o texto de Leandro, com co-autoria de André, o que se vê e a sucessão de esquetes nos quais se revezam, sem haver destaque ou predominância de ator.

Há de um tudo: escracho, textos ferinos, com destaque ao quadro Coxia, danças bem executadas ainda que sejam executadas totalmente debochadas, as críticas em A máscara, com as belas máscaras da Commedia dell'arte. O resultado é um panorama que prova que o encontro do teatro é sempre uma festa.

## SERVIÇO

A COISA

Teatro Municipal Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269 - Leblon) | Até 26/3, às terças e quartas (20h) | Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

## NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Raízes cariocas

“Vinte!” é uma reivindicação ficcional da memória dos movimentos artísticos negros dos anos 1920 no Brasil. A partir de uma crítica à peça “Tudo Preto” (1926), da Companhia Negra de Revistas, o musical constrói uma relação poética com a cidade do Rio, com as artes e com o tempo, sob uma perspectiva negra e contemporânea. Com direção de Mauricio Lima e texto de Tainah Longras, aposta em uma experimentação cênica e sonora inspirada no choro, jazz e samba. CCBB RJ. Qui a sáb, às 19h. Dom, às 18h. R\$ 30.

Ira Barillo/Divulgação

Fábio Salles/Divulgação



### Desvendando estrelas

“Do que são feitas as estrelas”, em cartaz no Sesc Tijuca, conta a história da astrônoma e cientista britânica Cecilia Payne-Gaposchkin que descobriu do que são feitas as estrelas. Tinha apenas 25 anos e precisou enfrentar o ambiente machista que dominava a ciência e o ambiente acadêmico. Este é o ponto de partida do espetáculo infanto-juvenil, inédito no Rio. A montagem paulistana tem idealização da atriz Luiza Moreira Salles, com direção de Kiko Marques e dramaturgia de Sofia Fransolin. De forma lúdica e poética, a peça fortalece a importância da curiosidade.

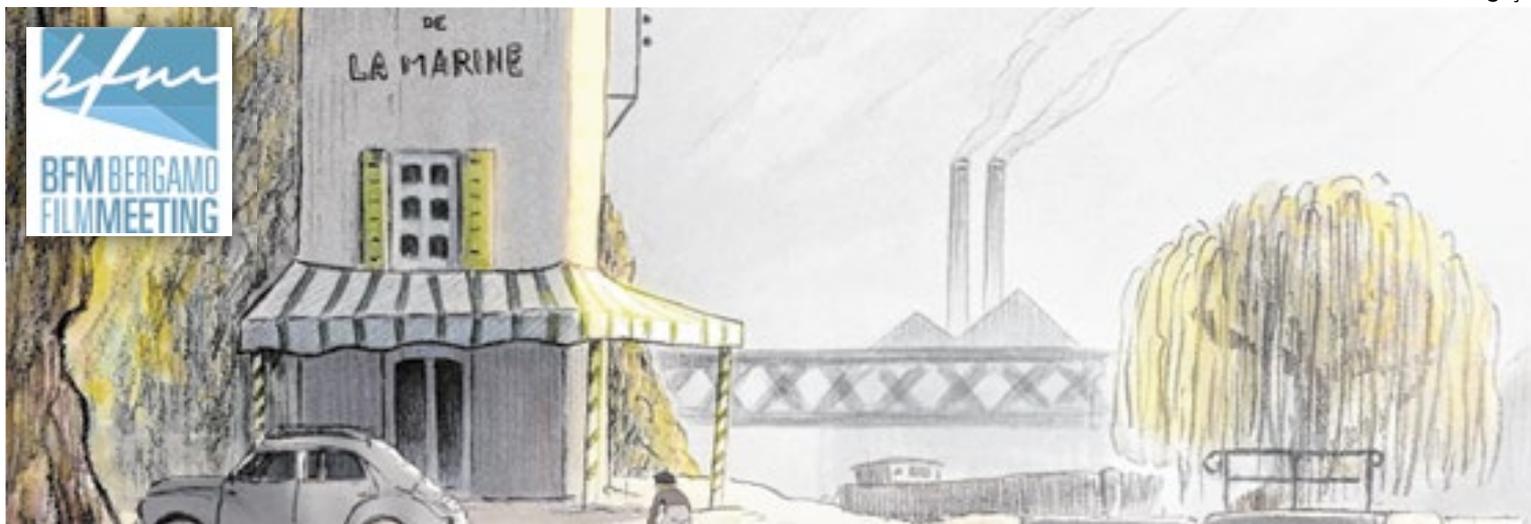


Jow Coutinho/Divulgação



### Salve Mercedes!

Em cartaz no Teatro Domingos de Oliveira, o espetáculo “Mão na Barra, Pé no Terreiro”, com Ivanna Cruz, conta a vida de Mercedes Baptista, a primeira bailarina negra do Teatro Municipal, dançarina e coreógrafa que revolucionou a dança contemporânea no Brasil, quebrando barreiras e inspirando gerações a ponto de mais de 90% dos artistas e técnicos envolvidos nesta produção serem negros. A direção artística é de Luiz Antônio Rocha; o texto de Ivanna Cruz, Luiz Antônio Rocha e Pedro Sá de Moraes. Coreografias: Diego Rosa; cenário e figurinos: Eduardo Albini; e iluminação: Ricardo Fuji.



Divulgação

*Slocum et Moi*

# Anima, Europa!

Em sua reta final, o festival Bergamo Film Meeting leva à Itália um painel plural da animação do Velho Mundo, celebrando o Oscar dado à Letônia por 'Flow'

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**A** pesar da bilheteria modesta, estimada em US\$ 19 milhões, "Flow" virou um marco europeu ao assegurar um lugar para a Letônia no planisfério cinéfilo com a conquista de um Oscar, o de Melhor Animação. No último dia 2, festa da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood coroou essa Arca de Noé sem Deus e sem diálogos, sobre um gato em luta contra uma tempe-



Divulgação

*I Died in Irpin*

Divulgação

*Tio Tomás, A Contabilidade dos Dias*

Divulgação

*Semesterhemmet*

tade. Sua vitória reverbera hoje pela Itália, em meio ao investimento da Bergamo Film Meeting na triagem dos diferentes veios animados do Velho Mundo, inclusive o letão.

As pátrias menos endinheiradas do território europeu hoje animam - e bem! - o que assegura a elas tribuna de honra nesse festival italiano. Sua 43ª edição, iniciada no sábado passado, fecha

lonesa "There Are People in the Forest", de Szymon Ruczynski, foi um dos títulos de maior destaque. Também fez barulho por lá o português "Tio Tomás, A Contabilidade dos Dias", de Regina Pessoa.

"Desde o ano passado, tomamos uma direção um pouco diferente (no BFM), concentrando-nos em temas específicos, como o cinema de animação português, revisitado por nós em 2024, e o documentário animado, abordado na seção AnReal desta edição", explica Diana Cardiani, uma das curadoras do Bergamo Film Meeting. "Dentro da seleção de 2025, há curtas-metragens animados de diferentes países europeus, como Portugal, Alemanha, Hungria, Irlanda e Ucrânia, que, por meio de histórias extremamente pessoais, conseguem oferecer um olhar oportuno sobre o presente, além de oferecer vislumbres muito interessantes do passado de seus países".

Ela é a responsável pela curadoria das animações de Bergamo e escalou clássicos como o stop-motion sueco "Semesterhemmet" ("Asilo", 1981), de Birgitta Jansson, mais conhecido como "The Vacation Resort", para as telas do evento. Em sua pesquisa, ela destaca a diversidade que hoje marca a pátria natal de titãs como Federico Fellini (1920-1993) e Luchino Visconti (1906-1976) no campo do desenho em 2D ou 3D e noutras técnicas.

"Na Itália, a animação está recebendo uma ressonância importante nos últimos anos. Há, de fato, muitos filmes feitos em escolas de cinema que são selecionados por importantes festivais dedicados à animação, como Clermont-Ferrand e Annecy", explica Diana. "Os mestres do nosso cinema de animação contemporâneo, como Magda Guidi, Roberto Catani e Simone Massi, são acompanhados por uma nova geração de animadores que têm o desejo de dar nova vida ao setor na produção italiana. Estamos ansiosos para vê-los fazer seu primeiro longa-metragem. Essa é uma área que, na Itália, precisa necessariamente de uma revolução".

suas portas neste domingo com uma sessão de "I Died in Irpin", de Anastasiia Falileieva, uma produção tcheca, em parceria com a Eslováquia e a Ucrânia, que flerta com a tradição do desenho para recriar uma Kiev em polvorosa, sob o risco de uma guerra. Antes, nesta sexta, a seção do evento batizada de Animation Cinema: AnReal, exhibe a pérola francesa "Slocum et Moi", longa do francês Jean-François Laguionie, ambientado nos anos 1950.

Debruçado sobre live action, revisitando obras de prestígio como as da tcheca Alice Nellis e do alemão Christian Petzold, a Bergamo Film Meeting (BFM) mapeou animadoras/es de todos os cantos da Europa em sua grande atual, fimando-se como uma vitrine de prestígio para o setor. Na seleção deste ano, a joia po-

# Memórias fellinianas... só que à francesa

Sucesso de público e crítica na Europa, o diretor Arnaud Desplechin, rei do melodrama mauricinho, revive suas recordações de salas de exibição em 'Loucos por Cinema!'

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**D**e olho numa vaga na disputa pela Palma de Ouro de Cannes, em competição de 13 a 24 de maio, "Une Affaire", novo longa-metragem de Arnaud Desplechin, vai sendo finalizado a fim de levar interpretações de Charlotte Rampling e François Civil, estruturadas para arrancar choro, ao Palais des Festivals. É a saga de um virtuoso pianista que embarca num amor improvável. A improbabilidade afetiva e a incapacidade de aceitação são os assuntos que tornam Desplechin um diretor autor (ou seja, com assinatura estética) no coletivo de realizadores franceses hoje em atividade.

"O que existe de mais francês na França cinéfila é o fato de amarmos o cinema americano",



O adolescente Paul Dédalus (Milo Machado-Graner) abraça a cinefilia como prática de vida no ensaio de Desplechin



Arnaud Desplechin durante a exibição de 'Loucos Por Cinema!' na Espanha

ironizou Desplechin num papo com o Correio da Manhã quando finalizava o ensaio (meio documental meio ficcional) "Loucos Por Cinema!" ("Spectateurs!").

Esse estudo sobre a cultura das salas de exibição estreia no Brasil neste fim de semana, dando espaço para Desplechin ser apaixonado ao extremo em suas saudades. "Foi com Hollywood que aprendemos a amar o cinema sobre todas as coisas e criar o nosso modo de rever o que eles mostram em seus filmes mais autorais. Não me vejo como patriota, não faço da chamada 'francesidade' uma bandeira, adoro heróis e gosto de chorar", confessa o artesão por trás de "Os Fantasmas de Ismael", atração de abertura de Cannes em 2017. "Gosto do trânsito que

“Cada filme que faço carrega um ethos particular. Talvez existam traços entre eles, mas não é uma busca determinada previamente”

Arnaud Desplechin

o drama faz dentro de nós liberando questões engasgadas. Faço cinema para espantar o ódio que existe no mundo e reina na sociedade”.

Em 1991, "La Vie Des Morts" marcou a estreia de Desplechin, então um jovem aspirante a artista, vindo de Roubaix, onde nasceu, há 64 anos. Desde então, construiu um patrimônio audiovisual de histórias sobre afetos consagrado com sete indicações à Palma de Ouro, uma láurea de melhor documentário em Veneza (dada a "L'Amée", em 2007) e o Prêmio SACD da Quinzena de Cannes, confiado em à sua obra-prima, "Três Lembranças Da Minha Juventude" (2015). Levou "Loucos Por Cinema!" à Croisette, no ano passado, e bateu ponto também no Festival de San Sebastián, onde o longa foi ovacionado.

"Tentei construir algo que conversasse com 'Roma', de Fellini, ou seja, uma referência de memória de vida em complexos exibidores", disse Desplechin.

Para guiar essa narrativa de sanha felliniana, ainda que sem os excessos lúdicos do mestre italiano, Desplechin evoca seu alter ego, Paul Dédalus, personagem que aparece em vários de seus fil-

mes, de muitas formas distintas. Aqui, ele entra em cena em idades diversas, de guri a adulto, vivido por vários atores, entre eles Milo Machado-Graner (o garoto de "Anatomia de uma Queda"). A diva François Lebrun vive uma avó dedicada, que acompanha a travessia de Dédalus por écrans iluminados, e Mathieu Amalric, seu astro fetiche (com quem rodou os magistrais "Reis e Rainha" e "Terapia Intensiva"), interpreta um cineasta em tempos de catar-se. O próprio Desplechin põe sua voz pra jogo, numa forma de se abrir para o público.

"Cada filme que faço carrega um ethos particular. Talvez existam traços entre eles, mas não é uma busca determinada previamente. Há apenas uma predileção minha pelo tema da segunda chance. Gosto de pessoas que têm a chance de recomeçar", disse Desplechin ao Correio no fórum Rendez-vous Avec Le Cinéma Français, em Paris.

Ao filmar, ele é sempre palavroso, faz evasões ultrarromânticas no tempo, mas é cauteloso para jamais elevar o nível de sacrose de suas tramas ao excesso. Seu estilo é classificável na ótica brasileira como "melodrama mauricinho".

"Talvez eu tenha o meu jeito particular de filmar, mas o que sei conscientemente dele é o fato de ver cada ator ou atriz como uma incógnita a ser desbravada, pois cada estrela me abre uma pergunta. Por exemplo, Marion Cotillard, com quem filmei 'Briga Entre Irmãos' há pouco tempo, tem uma capacidade única de humanizar tragédias. Essa singularidade dela, as singularidades das minhas estrelas, ajudam-me a depurar a ideia de sutileza, para dar espaço à angústia".

Les Films du Losange

# Fernanda Montenegro gigante!

Atriz de 95 anos é ovacionada e aplaudida de pé na pré-estreia de 'Vitória'

Por **Paula Lacerda** (Folhapress)

**D**ois dias após ser ovacionada pelo público na pré-estreia do filme "Vitória" em São Paulo, a atriz Fernanda Montenegro, protagonista do longa dirigido por Andrucha Waddington, repetiu o feito na noite desta quarta (12), minutos antes da exibição da trama na Cidade das Artes, no Rio de Janeiro. A atriz, que subiu ao palco da sala de cinema de braços dados aos atores Alan Rocha e Thawan Lucas, também do elenco, foi aplaudida de pé.

"Este é nosso encontro de família por opção. Estamos no filme como artistas e criadores, vocês são nossa família de opção, que veio nos dar sua presença. E acho que vai ter muito aplauso no final", disse a atriz de 95 anos. "Vitória" estreou nos cinemas nesta quinta (13).

Indicada ao Oscar de melhor atriz deste ano e figura aguardada por jornalistas e fãs em eventos públicos, a filha Fernanda Torres se recolheu ao papel de coadjuvante - ou de participação especial - no evento, que começou com atraso por conta da chuva. Apareceu no cinema discreta, quase na hora do filme começar, e apenas posou para fotos sorridente, ao lado do marido Andrucha Waddington. A estrela da noite era a sua mãe.

E o cineasta Breno Silveira, como lembrou Waddington, no palco lotado com os produtores do filme e o elenco. Silveira chegou a iniciar as filmagens de "Vitória", mas faleceu logo no início do projeto, assumido pelo amigo diretor.

"É difícil aqui. No dia em que o Breno se foi, Paula [Fiúza, roteirista do filme e viúva de Silveira] me deu essa missão. Esta noite é dedicada a Breno Silveira e também a dona Joana,



Divulgação



**Atriz de carreira impecável no teatro, na TV e no cinema, Fernanda recebe o carinho do público e do diretor Andrucha Waddington**

**“Este é nosso encontro de família por opção. Estamos no filme como artistas e criadores, vocês são nossa família de opção, que veio nos dar sua presença. E acho que vai ter muito aplauso no final”**

Fernanda Montenegro

na, que se foi dois meses depois da filmagem acabar. É um filme feito com muito amor, pelo Breno e a para o Breno. Viva Breno Silveira!", disse o diretor, com a emoção somada à de Paula, que chorou junto com o amigo: "Esse cara foi um herói. Não foi uma missão,

foi uma condenação, mas só ele podia fazer. Essa noite é tão bonita como difícil".

O filme "Vitória" é baseado na história real de Joana Zeferino da Paz, aposentada que filmou da janela de seu apartamento em Copacabana, Zona Sul do Rio, a ação de uma

quadrilha de traficantes. O registro virou denúncia às autoridades e ao jornalista Fábio Gusmão -interpretado por Alan Rocha-, que narrou sua saga em reportagem e no livro "Dona Vitória da Paz".

No filme, Joana é dona Nina, personagem de Fernanda Montenegro. O nome verdadeiro da aposentada só seria revelado após sua morte, em 2023. Dona Joana não irá assistir à sua vida na telona.

Dias após a conquista do Oscar de melhor filme internacional por "Ainda Estou Aqui", o clima de continuação de festa reinou na pré-estreia carioca de "Vitória". Na sessão lotada, o público da noite, que incluiu nomes como os atores Antônio Pitanga, Debora Lamm e o vice-prefeito Eduardo Cavaliere, celebrou a nova empreitada de alguns dos representantes brasileiros do filme premiado em Los Angeles.

Os dois filmes têm mesmo vários pontos em comum -de nomes do elenco, como Fernanda Montenegro, Alan Rocha e Thelmo Fernandes, à coprodução da Conspiração -em "Vitória", a produtora tem a parceria de MyMama Entertainment e Globoplay e apoio da Globo Filmes-, passando pelo casamento de Waddington com Fernanda Torres. Todos "em casa". Ou na tal família por opção, apontada por Fernanda Montenegro.

Lançado na onda de sucesso de "Ainda Estou Aqui", "Vitória" já tem agenda para depois de sua estreia -foi escolhido como o filme de abertura do 27º Festival de Cinema Brasileiro de Paris, na França- e gera expectativa de premiações. Um novo Oscar a caminho e a justiça enfim feita às Fernandas? Seria talvez a última chance de Fernanda Montenegro, que foi indicada ao Oscar em 1999 por sua atuação em "Central do Brasil", levar a estatueta.

Na última segunda, em São Paulo, a atriz deu sinais de que este filme pode ser o último de sua carreira - "Na idade em que estou, posso até continuar fazendo minhas leituras em palcos, mas cinema pede físico, pede fôlego", disse a atriz ao público. Bem, a vida presta. A vida anda. E já se sabe que Oscar não é um sonho impossível.

CRÍTICA / FILME / VITÓRIA

# O salto de maturidade de Andrucha

Por Inácio Araujo (Folhapress)

**T**alvez as drogas não sejam mais um aspecto da civilização, mas sejam hoje o aspecto central, aquele em torno do qual giram todos os outros. É nessa direção que parece apontar “Vitória”, o novo filme de Andrucha Waddington.

O que vemos em cena é um caso particular. Nina (Fernanda Montenegro) é a senhora que vive em modesto apartamento de Copacabana. À sua frente, ela lembrará, em outros tempos havia uma floresta. Hoje existe um ponto de drogas na entrada de uma favela. Os tiros, frequentes, podem atravessar sua janela, entrar na casa. Podem ferir uma vizinha (Linn da Quebrada).

Nina pede providências à polícia, naturalmente, e escuta as desculpas esfarrapadas de sempre. Até que ela compra uma máquina de filmar e passa a documentar o que acontece bem diante de sua casa. Como todos sabem, as imagens são uma arma (e assunto para algum outro artigo ou estudo, ou o que seja), e Nina tenta que sejam vistas pela polícia. A polícia não está nem aí. Mas um repórter policial (Alan Rocha) se interessa pelo assunto,



Suzanna Tiere/Divulgação

**Fernanda Montenegro e Linn da Quebrada em ‘Vitória’, drama sobre os tênues limites entre a vida ‘normal’ e a vida em comunidades**

o que pode mudar toda a situação.

Visto assim, “Vitória” parece um filme sobre “fait divers” carioca, do Rio, onde a distância entre a vida “normal” e a “comunidade” não passa, com frequência, de alguns metros. Mas é bem mais do que isso. Trata-se, por um lado, de observar como essa proximidade age sobre a vida das pessoas (as “normais” e as da “comunidade”).

Mas, por outro, o filme deixa claro o que

essa civilização de violência, de metralhadoras em punho, de tiroteios e disputas por pontos entre gangues rivais significa. Ou antes: como esse ponto de tráfico não é senão um fio de uma imensa organização de que até os barões criminais da favela não são mais do que um elo torto - no caso, o chefe do morro nem pode ir a um pronto-socorro e tem que se valer dos serviços compulsórios de Nina.

Isto é, a chamada boca de fumo, com seus

pés de chinelo armados e perigosos, é pouco mais que um detalhe nessa organização que passa por corrupção de policiais, de políticos, juízes etc. Trata-se de uma organização transnacional capaz de produzir lucros exorbitantes e desvios morais também exorbitantes. Nessa teia sólida, a personagem frágil de uma senhora de idade irrompe como uma anomalia. Passar de um caso isolado à abordagem de um fenômeno social dessa amplitude não é fácil. Talvez deva muito à própria Nina da vida real (cuja aventura foi documentada em reportagem de 2005 e em livro). Talvez deva muito a Fernanda Montenegro. Mas é inegável o salto que dá Andrucha Waddington em relação ao seu trabalho anterior. Este é um filme de maturidade, em que imprime um registro terno na primeira parte e na segunda investe na tensão gerada pelos acontecimentos.

O filme se beneficia de um bom roteiro, mas falha, no entanto, na construção da personagem do jovem morador da favela e amigo de Nina (Thawan Lucas). O problema, no caso, não é que ele passe meio abruptamente de jovem simpático a usuário e traficante; o problema é que a explicação é jogada nas costas dos traficantes adultos e não nas condições de vida de crianças como ele.

É um senão significativo, já que outros papéis aparecem bem definidos, há os policiais corruptos, os relapsos, os honestos, por exemplo. E também os tenebrosos traficantes do morro não são mais que engrenagens de uma complexa rede de interesses. Complexa e mafiosa, sabe-se. Olhar as coisas por esse prisma é um ganho importante.

Soraya Ursine/Divulgação



Kleber Mendonça Filho e Emilie Lesclaux, produtora e mulher do cineasta, em Cannes

# Ecos do Recife na TV aberta

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**A** voluma-se dia após dia uma torcida pela presença de “O Agente Secreto”, o novo filme de Kleber Mendonça Filho, com Wagner Moura e Maria Fernanda Cândido, no 78º Festival de Cannes, agendado de 13 a 24 de maio na França. Seria a terceira participação do diretor na briga pela Palma de Ouro, que disputou antes com “Aquarius” (2016) e com “Bacurau” (2019), que rendeu a ele e a seu codiretor, Juliano Dornelles, o Prêmio do Júri do evento. Voltou lá em 2023 com .doc “Retratos Fantasmas”, na briga pelo troféu L’Oeil d’Or. Há quem especule a ida do longa-metragem para Veneza, para a disputa pelo Leão dourado, de 27 de agosto a 6 de setembro. Kleber foi jurado lá na terra das gôndolas no ano passado e premiou “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, com a láurea de Melhor Roteiro.

Enquanto não se sabe o destino de seu novo projeto, centrado nos tempos da ditadura, o realizador emplaca espaço em outra frente, a

televisão aberta, e leva seu aclamado “O Som ao Redor” à grade da TV Brasil neste sábado, às 21h. Ganhador de 38 láureas internacionais, incluindo o Troféu Redentor de Melhor Filme do Festival do Rio 2012, o longa-metragem começou sua carreira em Roterdã, na Holanda, de onde saiu com o Prêmio da Crítica, que é dado pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci).

Batizado de “Neighboring Sounds” nos Estados Unidos e de “Les Bruits de Recife” nas telas francesas, “O Som ao Redor” estreou comercialmente em circuito nacional em 4 de janeiro de 2013. Seu sucesso transformou Kleber num dos mais festejados realizadores brasileiros da

Enquanto Kleber Mendonça Filho finaliza ‘O Agente Secreto’, seu primeiro longa-metragem em modo solo, ‘O Som Ao Redor’, ganha os holofotes da TV Brasil, neste sábado



Divulgação

**A cultura das milícias em Recife é um dos tópicos trazidos no premiado ‘O Som ao Redor’**

atualidade. Na trama de “O Som ao Redor”, os moradores de um condomínio de prédios de uma área abastada da geografia recifense têm

sua rotina desestruturada pela chegada de uma milícia de segurança. Clodoaldo (Irândir Santos) lidera o grupo de vigias, que circula entre

moradores. Lá vivem tipos como o corretor João (Gustavo Jahn), recém-chegado de uma estadia no exterior, e seu avô, o coronelista Francisco (W.J. Solha). Destaque no elenco para o desempenho de Maeve Jinkings, brilhante em cena, no papel de uma chefe de família incomodada com os latidos do cão de seu vizinho. DJ Dolores assina a trilha sonora, que põe Queen para tocar numa sequência de desopilar tensões.

Thales Junqueira foi quem cuidou da arte. Pedro Sotero e Fabricio Tadeu cuidaram da direção de fotografia, que evita exotismos ao fazer sua crônica de costumes... e distorções. Exótica (se é que essa é a melhor palavra) a cena de um banho de sangue revela muito sobre nossos espectros coloniais e imperiais. É um banho numa cachoeira, na zona de um velho engenho de açúcar, onde residem fantasmas de um Brasil arcaico e dominador. Virou o set piece do longa. Set piece é o termo que designa sequências que sintetizam filmes no nosso imaginário, como o voo de E.T., de bicicleta, à luz da lua, ou a dança de Uma Thurman e John Travolta em “Pulp Fiction” (1994). Kleber escreveu e montou o filme numa edição em dupla com João Maria. O cineasta trabalhou com um orçamento de R\$ 1,8 milhão, sob a finíssima produção de Emilie Lesclaux, sua companheira de trabalho e de vida.

Nas bilheteria brasileiras, o longa vendeu cerca de 100 mil entradas, chegando ao circuito com múltiplos mimos em seu currículo, como o Kikito de Melhor Direção, conquistado em Gramado, em agosto de 2012. Dali Kleber partiu para “Aquarius”, com Sonia Braga, que serviu como um símbolo de resistência cinéfilo na época do Impeachment de Dilma Rousseff, há nove anos. Em sua estreia mundial, em Cannes, Kleber e sua equipe subiram as escadarias do Palais des Festivals, na Croisette, com cartazes em A-4 denunciando o golpe de estado no Brasil. O gesto ampliou o respeito europeu pelo artista e por sua obra, o que pavimentou uma estrada de consagração hoje aberta para “O Agente Secreto”.

# Um sopro de arte na poética do ar

Exposição inédita de Iole de Freitas ocupa o Paço Imperial

Por **Affonso Nunes**

**A** artista plástica mineira Iole de Freitas apresenta sua mais recente produção na exposição “Fazer o ar”, no Paço Imperial, a partir deste sábado (15). Com curadoria do poeta Eucanaã Ferraz, a mostra reúne 16 obras inéditas que exploram a interação entre volume e ar.

Com mais de 50 anos de carreira, Iole revela sua contínua capacidade de experimentação. A exposição destaca séries inéditas como os grandes volumes brancos “Mantos”, feitos de papel glassine, e as esculturas “Algas”, em aço inox, além da obra “Escada”, apresentada pela primeira vez numa exposição.

Entre as referências da artista, estão elementos da estatuária clássica e obras do renascimento, que inspiram seu trabalho com formas volumosas e a incorporação do ar como matéria artística. “Gosto de subverter funcionalidades e trazer o inusitado para meus materiais, como o papel glassine, que nesta série ganha vida, volume e expressão”, afirma Iole.

Nascida em Belo Horizonte,

a artista vive e trabalha no Rio. Com formação em dança contemporânea, Iole iniciou sua trajetória criativa como designer em Milão (Itália) na década de 1970. Desde então, construiu uma sólida carreira internacional, tendo participado de exposições em instituições renomadas, como a Bienal de São Paulo, Documenta 12 em Kassel, e o Instituto Moreira Salles. Seus trabalhos integram importantes coleções no Brasil e no exterior, consolidando-a como uma das principais figuras da arte contemporânea brasileira.

## SERVIÇO

FAZER O AR

Paço Imperial (Praça XV, 48 - Centro)

Abertura: 15/3, das 15h às 19h  
Até 11/5, de terça a domingo e feriados (12h às 18h)

Entrada gratuita



*Iole de Freitas em seu ateliê: a pesquisa da artista para esses trabalhos começou há quatro anos. O papel é preenchido com ar, inflando-o e criando grandes superfícies, que então recebem água, areia e cola, que vão moldando, esculpindo e estruturando o papel até formarem os Mantos*



## E assim se passaram cinco anos

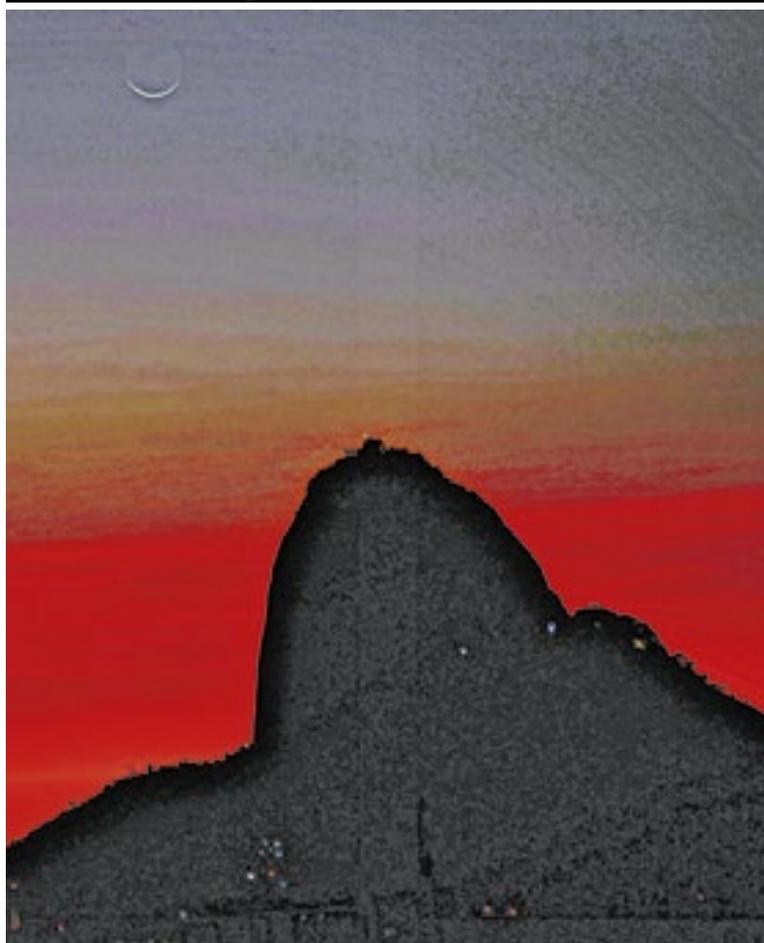
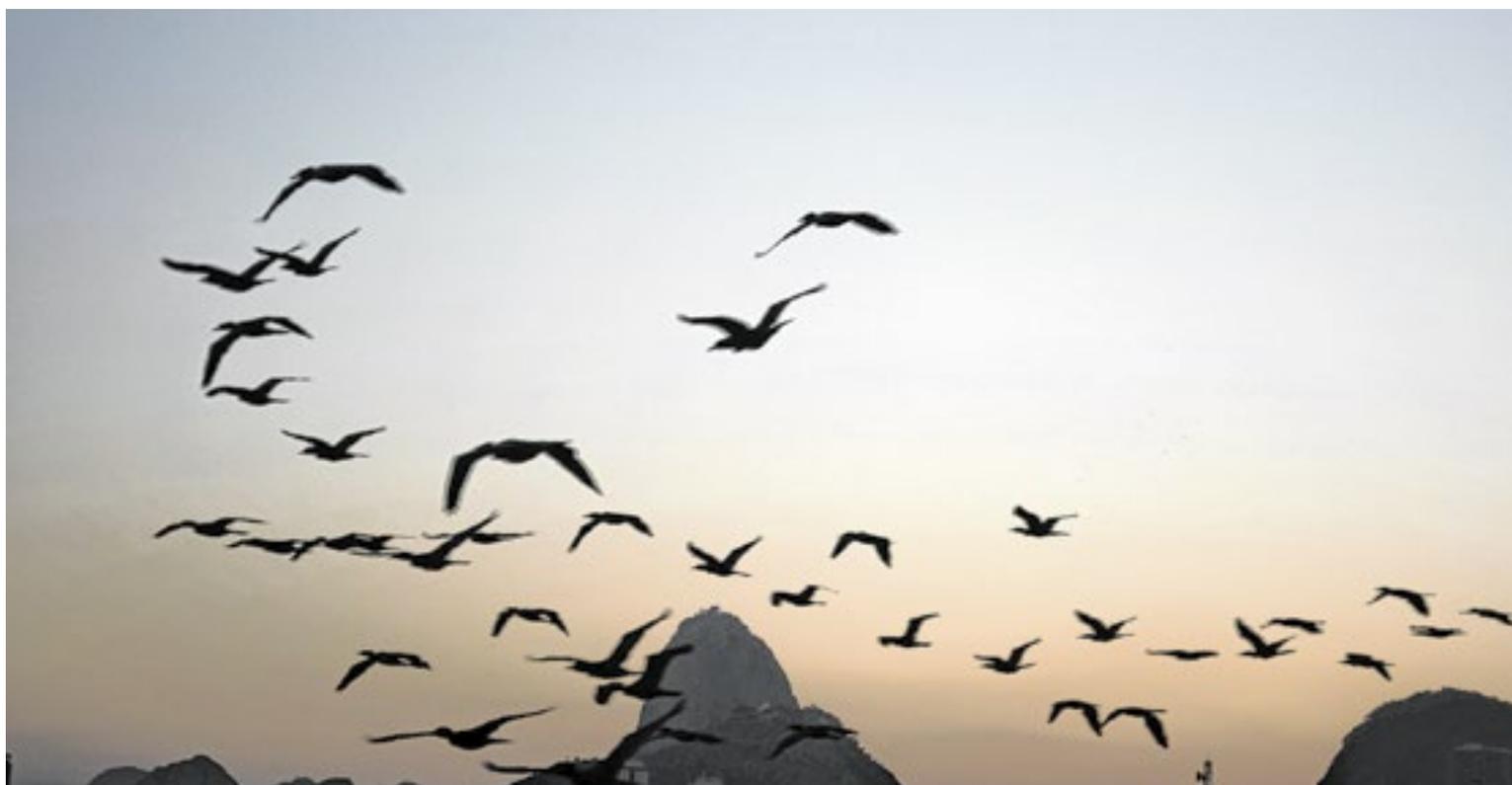
Era 11 de março de 2020, o mundo entre espanto, alarde e medo recebia a notícia fatídica naquela quarta-feira: “Consideramos que a Covid-19 esta sendo qualificada como uma pandemia”. Logo o burburinho se formou, a cidade em pânico, meio sem saber o que fazer passou a se cumprimentar com os cotovelos e andar mais ressabiada. Na sexta-feira, 13 de março (não há nada aí de superstição), fotografava um bate-papo entre Ruy Castro e Heloísa Seixas na Livraria Janela do Jardim Botânico. Anda que impactado com as ‘novas’, o público presente não parecia tão amedrontado com o porvir.

Foi o último evento ‘aberto’ que participei naquele ano. Na terça-feira seguinte veio o lockdown. Estávamos no novo-normal. Muita desinformação, muita descrença, muito negacionismo e por aí vai...

Neste período, sem poder sair para minhas Alvoradas Cariocas, criei o projeto Alvoradas da Janela Lateral, algumas fotos diárias, ‘apresentando’ o amanhecer daqueles dias sombrios, mas cheios de sol e luz. Foram mais de 430 dias ininterruptos fotografando o arrebol carioca da janela ‘do quarto de dormir’, publicados nas mídias sociais e em alguns portais da internet.

No silêncio da madrugada eu refletia como seria o futuro, ouvia o cantar dos pássaros que voltaram a gorjear, via a natureza mais exuberante e a atmosfera mais limpa, com menos UV, apostava em um mundo melhor, em um mundo onde houvesse mais empatia, solidariedade. Um mundo antirracista, sem xenofobia, misoginia, etarismo, preconceitos. Um mundo em que as pessoas pensassem mais no coletivo esquecendo o egoísmo e seu próprio ‘eu’. Um mundo efetivamente melhor... pena, pois este ‘mundo melhor’ se tornou um mundo de egoísmo, mais preconceituoso, mais negacionista, mundo que segundo alguns é até plano.

Triste saga da humanidade.



**SHOW****ISABELLA TAVIANI**

\*Comemorando 20 anos de carreira fonográfica, a cantora e compositora convida o público para uma experiência única e intimista na turnê "Voz e Violão", com repertório focado nos grandes sucessos da artista, campeã de trilhas sonoras de novelas, e em suas canções mais recentes. Sáb (15), às 20h e 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

**RICKY VALLEN - A VOZ MUTANTE**

\*O cantor apresenta espetáculo com uma seleção especial combinando clássicos da MPB, sucessos internacionais e novidades do seu próximo álbum, "Meu Ponto Cardeal". Sex (14), às 19h30. Teatro Rival (Rua Álvaro Alvim, 33- Cinelândia). Entre R\$ 50 e R\$ 130

**GUILHERME DIAS GOMES**

\*O trompetista presta homenagem especial a dois dos maiores nomes do jazz: Miles Davis e Chet Baker. Com um repertório sofisticado, o músico passeia pelo cool jazz e hard bop. Sáb (15), às 21h. Soberano Jazz Club (Estr. União e Indústria, 11.000 - Estação Locanda, Itaipava - Petrópolis). Entre R\$ 80 e R\$ 160

**JULIA VARGAS - AFFAIR DE VERÃO**

\*A cantora apresenta show vibrante e dançante, com ritmos variados representando a paixão e o desejo tão presentes no verão carioca. Temas de Rita Lee, Caetano Veloso, Chico César estão no repertório. Dom (16), às 19h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

**SONJA**

\*Destaque na nova cena do blues carioca, a cantora mostra as canções autorais de seu novo disco, "Rainha de Copas". Dom (15), às 21h. Soberano Jazz Club (Estr. União e Indústria, 11.000 - Estação Locanda, Itaipava - Petrópolis). Entre R\$ 80 e R\$ 160

**LIZ ROSA**

\*A cantora potiguar sobe ao palco para celebrar a obra de Elis Regina. Com interpretações autênticas e novos arranjos, Liz convida o público a uma viagem pelas diversas fases da carreira da eterna Pimentinha. Sex (14), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

Vinicius Mochizuki/Divulgação



Isabella Taviani

Isadora Relvas e Philipp Lavra/Divulgação



Onde Vivem os Bárbaros

# Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Tia Surica

Divulgação



Geometria Inquieta

**TEATRO****ONDE VIVEM OS BÁRBAROS**

\*A dramaturgia do premiado autor chileno Pablo Manzi recebe adaptação que transporta a trama para a realidade brasileira, ressignificando personagens e eventos históricos. Direção de de Patrick Sampaio. Até 31/3, Sáb a seg (20h). Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº - Copacabana). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

**MEDEIA**

\*Idealizada e dirigida por Gabriel Ribeiro, a montagem reconta texto clássico do grego Eurípidés sobre a mulher que cometeu fratricídio e abandonou a família para seguir Jasão, seu marido, até Corinto. Mas quando ele a trai, ações desesperadas em busca de vingança são tomadas. Até 26/3, ter e qua (20h). Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

**TEMPEROS DE FRIDA**

\*O espetáculo resgata a força e a sensibilidade de Frida Kahlo, promovendo um encontro singular com Catrina, a Dona Morte. Até 27/3, qua e qui (19h30). Casa de Cultura Laura Alvim - Sala Rogério Cardoso (Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

**AS CORES DA AMÉRICA LATINA**

\*Espetáculo mescla teatro, dança e manifestações culturais do continente. Direção: Fábio Moura e Talita Menezes. Até 23/3, qui a dom (20h30). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 15 (meia) e R\$ 8 (associado Sesc)

**EXPOSIÇÃO****GEOMETRIA INQUIETA**

\*Mostra revela a obra escultora Ascânio MMM, marcada pela estética minimalista e geométrica. Até 30/3, de ter a dom (12h às 18h). Casa Roberto Marinho (Rua Cosme Velho, 1105). R\$ 10, R\$ 5 (meia) e grátis (qua)

**ROTA DO CHÁ**

\*Exposição conta a rica história do chá, desde a China milenar. Até ago/25, qui a ter (10h às 17h). Casa Pacheco Leão (Rua Jardim Botânico, 1008). Grátis

**EVENTO****FEIJOADA DO RIVAL**

\*A feijoada de Tia Surica, baluarte da Portela, sempre deu samba. A querida pastora da azul e branco de Oswaldo Cruz comanda roda de samba com os músicos da Velha Guarda da Portela. Dom (15), das 13h às 17h30. Teatro Rival (Rua Álvaro Alvim, 33- Cinelândia). R\$ 60

Divulgação



Pato com Laranja

Renato Antunes/Divulgação



Maguje

Tomas Rangel/Divulgação



Bonifácio e Berenice

Conheça versões com carne, salmão, atum e até centolla

# Tartare: o prato refrescante do verão

Por Natasha Sobrinho

(@restaurants\_to\_love)

Especial para o Correio da Manhã

Os tartares, populares em diversas partes do mundo, são pratos frescos, que utilizam ingredientes crus, podendo ser feitos com carnes vermelhas e peixes variados. Por ser servido frio, é uma opção refrescante e saborosa, e especialmente popular no verão. Veja abaixo um roteiro com suas muitas versões e receitas criativas, servidas nos restaurantes cariocas:

**BONIFÁCIO E BERENICE** - No restaurante pet friendly do Leblon, é possível encontrar no cardápio o Tartare de Salmão (R\$ 65), com pequenos cubos de salmão com cebola roxa, cebote, pimenta dedo de moça, hondashi e cream cheese. Acompanha chips de batata doce. Rainha Guilhermina, 95 - Loja D. Tel: (21) 99910-2021.

**CASA HORTO** - Aos pés do Cristo Redentor e em charmoso casarão restaurado, o restaurante no P'Alma oferece o steak tartar al tartufo (R\$ 79). A receita é feita com mignon, pó de trufa e telha de parmesão. Rua Pacheco Leão, 696 - Jardim Botânico. Tel: (21) 93618-6310.

**ESCAMA** - O restaurante, que acaba de

Divulgação



Kitchin

Tomas Rangel/Divulgação



Casa Horto

Joca Vidal/Divulgação



Labuta Mar

Tomás Vélez/Divulgação



Escama

completar quatro anos, sempre privilegia o que o mar oferece de melhor. Uma das criações do chef Horácio Vaccihi é o atum avocado (R\$ 108), um tartare de atum com mo-

lho oriental do chef, avocado e caviar Mujol e servido com chips de raízes. Rua Visconde de Carandaí, 5 - Jardim Botânico. Tel: (21) 99753-6126.

**KITCHIN** - No restaurante japonês de alta gastronomia, localizado no Shopping Leblon, é possível encontrar diversas opções de entradinhas frias. Destaque para os tartares de atum com ovas de massago e levemente apimentado (R\$ 88) e o de centolla (R\$ 192). Av. Afrânio de Melo Franco, 290, 1º piso. Tel: (21) 3190-7166.

**LABUTA MAR** - Novidade no cardápio da casa, localizada na Glória, o tartare de peixe do dia é servido com coalhada, endro, crocante de cenoura e mel (R\$ 49). Uma opção certa para dias quentes. Endereço: Rua do Russel, 450 B. Tel: (21) 3268-7672.

**MAGUJE** - Com vista privilegiada para o Cristo Redentor, a casa, localizado no Jockey Club do Rio de Janeiro, comemora seis anos de sucesso e se reinventa, apresentando um novo menu assinado pelo chef David Fonseca. O stake tartare com mostarda Dijon (R\$ 62) é uma das novidades do cardápio. Rua Jardim Botânico, 1003. Tel: (21) 99895-2032.

**PATO COM LARANJA** - No restaurante da chef Andrea Tinoco, o comensal pode encontrar no cardápio o Mix Tartar (R\$ 59) com atum e salmão cortados na ponta da faca, ovas de massago, guacamole, pimenta, flor de sal, molho ponzu levemente trufado e chips de aipim. Rua Dias Ferreira, 410 - Leblon. Tel: (21) 96777-0022.

# Dance como os pais

Companhia reapresenta espetáculo inspirado em músicas populares brasileiras

Por Mayariane Castro

A Flyer Cia de Dança, companhia profissional de dança do Distrito Federal, reapresenta nesta domingo o espetáculo “Como Nossos Pais”, no Teatro Sesi Yara Amaral, em Taguatinga. A apresentação integra a programação do teatro como forma de movimentar a arte na cidade, visando arrecadar alimentos para doação à comunidade e fundos para custear uma viagem para a companhia competir e representar o DF fora do estado.

O espetáculo “Como Nossos Pais” tem como ponto de partida as trilhas de músicas populares brasileiras, com o objetivo de criar uma conexão emocional entre os bailarinos e as canções que marcam as gerações passadas, especial-



Conexões em torno das memórias das músicas

## Emoção pela memória das músicas

Espectáculo conecta as sensações das gerações com as canções

A coreografia busca explorar os sentimentos e as memórias associadas às músicas populares brasileiras, questionando, de maneira sutil, temas como a identidade e as relações familiares.

Para o bailarino Lamôni Chagas, o espetáculo vai além das memórias familiares, refletindo sobre a própria essência do ato de dançar. “Para mim, justifica por que eu danço, me faz lembrar para quem eu danço”, diz ele. “O tempo todo é um gosto de nostalgia diferen-

te com uma pitada de emoção. Desde o processo de criação até as reapresentações, é sempre uma emoção diferente.

O espetáculo também propõe uma reflexão mais ampla sobre a identidade e as raízes culturais. Através das músicas e da dança, a obra convida o público a pensar sobre questões fundamentais, como “de onde viemos?”, “de quem somos filhos?” e “quem são nossos pais?”. Essas questões, embora implícitas, são exploradas



Divulgação

A Flyer é uma das principais companhias do DF

através dos movimentos e das emoções que a dança provoca, estabelecendo um diálogo entre passado e presente.

### Proximidades

A reapresentação no Teatro Sesi Yara Amaral foi uma oportunidade para a Flyer Cia de Dança aproximar o público local dessa proposta artística,

que busca resgatar memórias e criar novos significados a partir delas. O evento, que integra as ações de ocupação do teatro, também contou com o apoio de um público presente que, além de prestigiar a apresentação, colaborou com a arrecadação de alimentos e apoio financeiro a equipe, como parte do objetivo social do projeto.

mente as de seus próprios pais. O coreógrafo Leandro Mota, responsável pela direção da obra, propôs ao elenco um desafio que vai além da técnica da dança.

Segundo ele, a peça precisa tocar os bailarinos emocionalmente antes de alcançar o público. “Sempre costumo dizer que a obra tem que sensibilizar a gente primeiro antes de chegar ao público. É um espetáculo emocionante e cheio de significados que carregam muita nostalgia e saudade dentro da proposta”, explica Mota.

O espetáculo tem uma linguagem mista que combina elementos do jazz e da dança contemporânea. Essa fusão de estilos cria uma dinâmica poética no palco, reforçada pelo trabalho de iluminação e cenografia que contribui para a atmosfera.

A Flyer Cia de Dança, fundada no Distrito Federal, tem se consolidado como um dos principais grupos de dança da região, com uma trajetória marcada por inovações na linguagem da dança contemporânea e no envolvimento com a comunidade local. O projeto Quartas Culturais, por sua vez, tem sido uma plataforma importante para a divulgação de produções culturais no DF, além de promover ações de solidariedade e inclusão social.

Além de sua proposta artística, o espetáculo “Como Nossos Pais” também se insere no contexto de uma cena cultural que busca não apenas entreter, mas também provocar reflexões sobre as questões identitárias e os laços afetivos que definem as relações humanas. O espetáculo reafirma a importância da memória afetiva e da valorização das raízes culturais, especialmente em um momento em que tal discussão se faz mais presente.

**SHOW****Choro brasileiro**

\*Desde a construção de Brasília, o Choro ganhou lugar de destaque no cenário cultural da capital e consagrou instrumentistas candangos e brasilienses a nível nacional. Buscando fortalecer essa memória viva, surge o projeto Saudando o Choro. De março a abril, a iniciativa vai circular por Taguatinga, Guará e Águas Claras, reunindo músicos e musicistas da nova geração. A primeira apresentação é no dia 23 de março, às 9h, na Praça Condor da Estação de Metrô Arniqueiras. A entrada é franca, com acessibilidade para pessoas com deficiência visual e auditiva.

**Show de Newton Jobim**

\*Na certidão de nascimento, o nome dele é Tiago Sá. Gravou três álbuns, tem músicas tocadas na rádio e forte identidade autoral com obras que transitam entre o rock e a MPB. Mas, a paixão pela Bossa Nova e o desejo de explorar um dos mais conhecidos gêneros musicais do mundo fez com que o artista passasse a usar também o nome Newton Jobim, identidade que lembra dois dos maiores compositores brasileiros de todos os tempos. O resultado dessa ampliação de horizonte artístico é um show sofisticado, festivo e brasileiro que será apresentado gratuitamente nesta sexta-feira, 14 de março, no palco do CTJ Hall da Casa Thomas Jefferson, da 706/906 Sul.



DF ganha novo projeto de valorização do Choro brasileiro

# Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

**TEATRO****“Na pisada do baile de rabeça”**

\*Com 12 anos de carreira, o grupo pertence a um movimento forte e expressivo na área artística e cultural do estado de Pernambuco. Formado e fundado por Martins (voz e rabeça), Ju Valença (zabumba) Rodrigo Samico (baixo) e Rodrigo Felix (percussão), na companhia de Poli (percussão e voz), Rafael Marques (cavaquinho) e Arnaldo Abulidu (percussão), juntos, celebram pelos terreiros do Brasil e do mundo a reinvenção do forró pé de serra dos antigos bailes de rabeça e rodas de cavalo marinho, folguedo de terreiro da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Nos dias 21, 22 e 23 de março, o grupo Forró na Caixa se apresentará na Infinu Comunidade Criativa, no Centro de Invenção Cultural e no Complexo Samambaia,



“Na pisada do baile de rabeça”

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURAL@GMAIL.COM

André Sidarta

respectivamente. Os ingressos têm valor popular de R\$20,00 inteira e R\$10,00 meia entrada e podem ser adquiridos na plataforma digital do Sympla.

**“Sarau do Poeta”**

\*A CAIXA Cultural Brasília recebe nos dias 21 e 22 de março, o espetáculo “Sarau do Poeta”, protagonizado pelo ator e diretor baiano Jackson Costa. A montagem é uma imersão que harmoniza música e poesia, trazendo luz às canções e versos do cotidiano baiano, nordestino e brasileiro. De Elomar a Dorival Caymmi, do sertão à beira-mar, a peça celebra a cultura popular trazendo ao palco uma junção de música e performance que evidencia a beleza e a força da palavra falada e cantada. O espetáculo é gratuito, acontece no Tea-

Zuleika de Souza



Exposição Joana Vasconcelos

Divulgação

"Sarau do Poeta", com o ator Jackson Costa  
Davi Mello

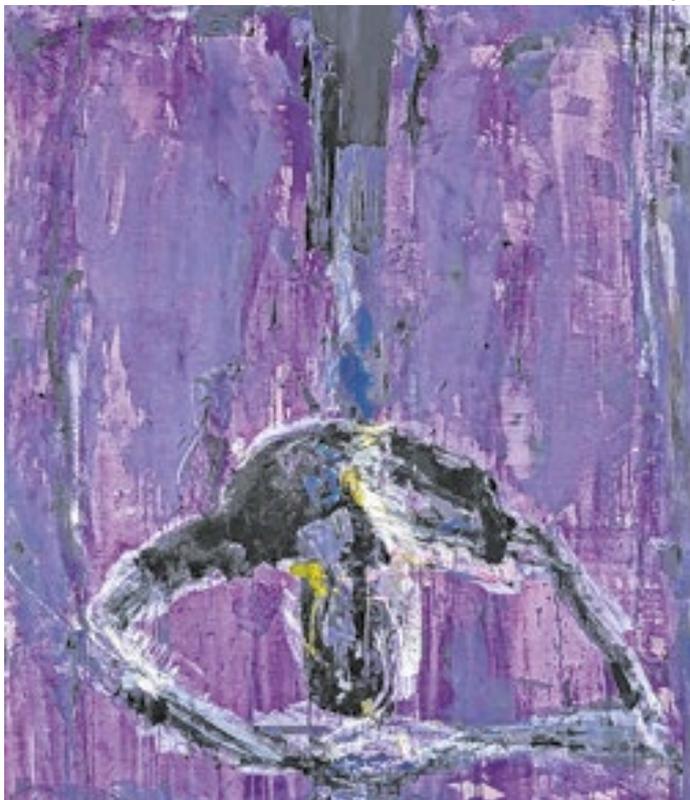
Teatro em Ceil!

tro da CAIXA Cultural, na sexta-feira e no sábado às 20h. Os ingressos podem ser retirados na bilheteria do espaço, duas horas antes do show.

#### Espectáculo de reflexão

\* Neste sábado, os moradores de Ceilândia se reunirão em um ato simbólico para conscientizar a comunidade sobre a importância do descarte correto de lixo e entulho. Além da mobilização, a programação contará com uma apresentação de teatro de bonecos, abordando de forma lúdica e educativa os impactos do descarte irregular e a necessidade de preservar o meio ambiente. O evento acontecerá no dia 15 de março, às 09h, na área de cerrado localizada em frente às quadras 32/36 do Setor P Sul.

Divulgação



Exposição Rou?ka – Kafka em Movimento

Divulgação



Mostra Chantal Akerman no Cine Brasília

#### Espectáculo inédito

\* O humor ácido e reflexões profundas exploraram as angústias e desafios da saúde mental na sociedade contemporânea. Monólogo cômico-dramático e inédito do W3 Grupo de Teatro, "Pílulas: Sua Felicidade na Farmácia Mais Próxima" estará em cartaz nos dias 15, 16, 22, 23, 29 e 30 de março, sempre aos sábados às 20h, e domingos, às 19h, no Museu Correios (Setor Comercial Sul QD 4). Ingressos por R\$ 20 (meia-entrada). Não recomendado para menores de 16 anos.

#### EXPOSIÇÃO

##### Exposição Raízes

\* Uma reflexão sobre a importância da cultura e da arte como ferramentas de

transformação social e de aproximação com a sociedade. Com esse convite, a Escola Superior do Ministério Público da União (ESMPU) apresenta a exposição "Raízes – Reflexos da natureza", que reúne as obras dos renomados artistas plásticos brasileiros Antônio Poteiro, Inimá de Paula, Aldemir Martins, Dona Tereza, Carlos Bracher e Tania de Maya Pedrosa. O Espaço Cultural da ESMPU, em Brasília-DF, recebe a exposição, que fica aberta à visitação de 13 de março a 11 de abril, das 9h às 18h.

##### Exposição Roucka – Kafka

\* O Centro Cultural Banco do Brasil Brasília recebe a exposição Roucka – Kafka em Movimento, que fica em cartaz na Galeria 02 até o dia 25/05/2025. A mostra inédita no Brasil reúne um conjunto expressivo de pinturas em grande formato e litografias, traduzindo em cores e formas expressivas a complexidade e os simbolismos kafkianos. É um convite ao público para refletir sobre os dilemas da existência humana sob uma nova perspectiva visual através de um mergulho na obra e no processo criativo do artista plástico contemporâneo e a obra do escritor nascido no final do século XIX.

##### Exposição Joana Vasconcelos

\* A obra de uma das mais consagradas artistas contemporâneas da Europa poderá ser vista na Embaixada de Portugal. 'Joana Vasconcelos: Fascinação' oferece ao público brasileiro o contato com a monumental escultura Pavillon de Vin (2016) - uma estrutura de ferro forjado no formato de um garrafão de vinho, com 5,5 metros de altura e 3,3 de diâmetro, instalada no jardim da Embaixada, em cujo interior foram plantadas videiras. Acontece até 15 de agosto, nas quintas e sextas-feiras, das 11h às 16h, e no primeiro sábado de cada mês, das 11h às 16h. Entrada gratuita.

#### CINEMA

##### Mostra Chantal Akerman

\* Em comemoração ao mês das mulheres, o Cine Brasília, em parceria com a Filmicca, apresenta a Mostra Chantal Akerman, uma homenagem a uma das cineastas mais influentes da história do cinema. Até o dia 19 de março a mostra exibirá 17 filmes da diretora belga, cuja obra transformou a linguagem cinematográfica e impactou gerações de cinéfilos.

# Sangue: teatro e poder

Dirigida por Kiko Marques, peça chega ao CCBB e propõe reflexão sobre relações sociais

Por Mayariane Castro

O espetáculo “Sangue”, escrito e dirigido por Kiko Marques, estreou nesta sexta-feira (13) no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) de Brasília. A peça, que ficará em cartaz até o dia 6 de abril, será apresentada de quinta a sábado, às 20h, e aos domingos, às 18h. Com patrocínio do Banco do Brasil e incentivo da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), o espetáculo já passou por diversas cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, e foi aclamado pelo público e pela crítica.

A história de “Sangue” gira em torno de dois atores que estão montando um texto de um grande autor francês já falecido, quando recebem a notícia da revogação

dos direitos autorais da obra. A situação leva os personagens a questionarem a relação de poder e dominação no ambiente artístico e social, explorando temas como o pertencimento, a usurpação e a violência nas relações humanas.

Em entrevista ao Correio, Kiko Marques, autor e diretor da peça, afirmou que a obra busca apresentar um “poema cênico”, no qual se discutem as várias formas de guerra e dominação que permeiam as interações humanas. “A ideia foi criar um mito sobre a necessidade de possuir o outro e, ao mesmo tempo, sobre a verdadeira fraternidade que pode surgir nos campos mais improváveis”, afirmou Marques. O autor também destacou que o espetáculo é uma reflexão sobre a natureza humana e seus conflitos internos.

## “Poema cênico” sobre o ser humano

A partir de episódio real, texto discute estratégias de dominação

A trama de “Sangue” foi inspirada em um evento real vivido por parte da equipe da peça. Alguns anos atrás, a equipe enfrentou o bloqueio de um projeto artístico por questões de direitos autorais, o que levou Kiko Marques a explorar essa experiência no contexto da peça.

“A história que apresentamos no palco é uma miniatura do mundo real, com os mesmos conflitos e desafios que enfrentamos em nossa sociedade”, explicou o diretor.

### Teias de poder

O tema central da peça é o poder e a dominação, abordados sob diferentes ângulos, incluindo as questões envolvendo a produção artística e a exploração dos trabalhadores da cultura. No espetáculo, os franceses, responsáveis pelos direitos da obra, armam uma armadilha para tomar o controle do projeto dos artistas brasileiros, fazendo com que percam o domínio sobre aquilo que criaram. Esse enredo tam-



Relações de poder a partir da criação teatral



Estratégias de dominação são discutidas na peça

bém levanta uma discussão sobre os bastidores da produção teatral e as condições enfrentadas pelos profissionais da área, como as tensões entre criação artística e questões comerciais.

“Quis abrir a porta da nossa casa, os bastidores do teatro, ao olhar de quem não vive essa realidade, para que o espectador pudesse conhecer, ao menos em

parte, nossa ‘aldeia’, como diria [o escritor russo León] Tolstói. Ele precisa entender o que acontece nos bastidores, os anseios, as paixões dos envolvidos com o fazer teatral e reconhecer-se neles”, completou Kiko Marques.

Além dos temas principais relacionados ao poder, à dominação e aos direitos autorais, “Sangue” também aborda questões re-

lacionadas ao olhar eurocêntrico e à violência de gênero. Desde o início do relacionamento amoroso entre o diretor francês e a atriz brasileira, são exploradas as dinâmicas de poder que se manifestam nas relações interpessoais e artísticas. O texto se utiliza desses elementos para provocar o público a refletir sobre as desigualdades e as formas de opressão que ainda permeiam o mundo da arte e das relações sociais.

### Prêmio Shell

Ao abordar questões tão pertinentes à sociedade atual, como a exploração dos direitos autorais, as tensões culturais e a violência de gênero, “Sangue” coloca o público diante de dilemas éticos e morais.

Rogério Brito foi indicado ao Prêmio Shell de Teatro, em São Paulo, na categoria Melhor Ator, por sua atuação em “Sangue”. Essa indicação reflete o reconhecimento da qualidade da peça.

Divulgação

Divulgação

Espectáculo  
'Sangue', com  
Leopoldo Pacheco

PÁGINA 16



Valorização do  
Choro brasileiro  
em apresentações

PÁGINAS 14 E 15



Cia de dança  
em espetáculo  
inspirado na MPB

PÁGINA 5



## 2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Por Clara Balbi (Folhapress)

**V**inte e um de janeiro de 2024. Lázaro Ramos, em viagem a Salvador para visitar a família, desmaia e é hospitalizado. O diagnóstico: burnout. “Fui criado para ficar num sistema de defesa. Aquela coisa de quem vem de família pobre e tem medo do fracasso o tempo todo. Acho que mesmo depois que eu fiquei conhecido, ainda era assim”, afirma ele que, alçado à fama como ator, desde então assumiu muitas outras funções no campo da arte.

Lázaro diz acreditar que a crise foi um aviso de seu próprio corpo de que era necessário mudar suas prioridades. “Foi ele dizendo olha, vou te parar aqui, na sua cidade-mãe, para você se olhar.”

Mas olhar para si mesmo acabou significando olhar também para a mãe dele, dona Célia, morta pouco depois de o artista chegar à maioridade e citada muito pontualmente em seu primeiro livro biográfico, “Na Minha Pele”.

A ausência tinha sido proposital. Lázaro diz que, quando escreveu a obra, achou que a história de sofrimento da mãe - uma empregada doméstica que se calou diante de abusos dos patrões e passou os últimos meses de vida presa a uma cama, sem conseguir mover a maior parte do corpo em decorrência de uma doença rara - desmotivaria os leitores.



Divulgação

*Lázaro Ramos afirma que a crise emocional sofrida recentemente soou como um aviso do próprio corpo de que era preciso mudar prioridades*

## Essa conversa precisa continuar

Lázaro Ramos busca levar debate racial no Brasil para além do básico em novo livro

Mas sua perspectiva mudou desde a publicação do livro, oito anos atrás. E quando a escrita se anunciou como um refúgio após o burnout, ele se viu voltando a dona Célia. Daí o título do novo livro: o pronome de “Na Nossa Pele” a princípio se referia a ele e à sua mãe. Não demorou até que o artista percebesse que estava falando de muito mais gente. Uma lição que os leitores de “Na Minha Pele” já tinham ensinado a ele.

“Achei que estava escrevendo uma história dos aprendizados que tive”, diz Lázaro sobre o livro anterior. “Mas a coisa que eu mais via as pessoas escrevendo era ‘nossa, parece que essa é a minha história, que eu que escrevi esse livro.’”

“Na Minha Pele” pode ser considerado um ponto de inflexão na ampliação do debate sobre o racismo no país. O livro, publicado em 2017, vendeu milhares de exemplares e motivou dezenas de teses acadêmicas - Lázaro exibe na tela do Zoom uma delas, encadernada em couro, que segundo ele tinha chegado na semana anterior.

“Na Nossa Pele”, por sua vez, atualiza muitas das discussões propostas no volume anterior, apresentando inclusive uma espécie de balanço sobre o avanço da representatividade negra nas universidades, nas empresas, na cultura de massa, desde então. As muitas referências que o lançamento faz a seu antecessor tornam aconselhável ler este antes, aliás.

Continua na página seguinte